

SLAM DAS CUMADI COMO ARTE DE RESISTÊNCIA FEMININA

Maria Diana Sampaio Martins de Oliveira¹

Joana Darc Oliveira Gomes²

Maria Dedita Ferreira de Lima³

Vicente de Paula Sousa⁴

Marina Leitão Mesquita⁵

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata sobre a arte, literatura marginal, como política de resistência feminina com foco em jovens da periferia, direcionando as análises a partir da categoria gênero, mais precisamente com aquelas que participam do Slam das Cumadi, na cidade de Sobral, Ceará, lócus de estudo. Nesse sentido, a pesquisa em andamento visa compreender como operam os marcadores sociais da diferença de gênero, raça e classe nas experiências das participantes do Slam das Cumadi.

O Slam das Cumadi é uma disputa poética marginal e exclusivamente feminina, com a ideia de se fazer resistência e protagonismo. A princípio o intuito era de ser um movimento itinerante e que se espalhasse/espalhe pelos bairros de Sobral, mas a partir da segunda edição que ocorreu em dezembro de 2018 passou a acontecer no anfiteatro da Margem Esquerda do Rio Acaraú.

A Margem é um espaço de convivência na cidade muito frequentada por todos os grupos sociais. Ali, fazem piqueniques, encontros, shows, frequentam bares, restaurantes, etc. É uma espécie de parque ecológico que, de certa forma, exerce alguma maneira democrática de sociabilidades, pois, como já dito, todas as “tribos” se encontram por ali. Sendo assim, o evento lá se estabilizou, mas existe um incentivo para as poetisas e outras mulheres levarem o slam para seus bairros.

O Slam das Cumadi surgiu a partir do primeiro Slam do Estado do Ceará: Slam da Quentura, também localizado em Sobral, que teve sua primeira edição em março de 2017. O Slam é formado por um público jovem advindo das periferias de Sobral que declamam

¹ Graduanda do Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, dianasampaio51@hotmail.com;

² Graduanda do Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, jdarc007og@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, dedytta02@hotmail.com;

⁴ Graduado pelo Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, vicentypsousa@hotmail.com;

⁵ Professora orientadora: Doutora, Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, marinaaya@gmail.com.

poesias que retratam a realidade vivida, denunciando o esquecimento do Estado, a ação violenta da polícia e as diversas formas de opressão existentes.

O Slam das Cumadi é dividido em diferentes momentos, tais como a disputa poética e microfone aberto, divulgação de trabalho de mulheres que estão vendendo suas artes no local e de patrocinadores do evento. No primeiro momento são escolhidas juradas, meninas que estão compondo a plateia (pela primeira vez). Na disputa, as poesias precisam ser autorais, as poetisas têm até 3 minutos para declamá-las.

Na segunda etapa do Slam, microfone aberto, as poetisas não estão participando de disputa e podem declamar poesias não autorais, vale lembrar que todo Slam tem um grito que interage diretamente com o público, no Slam das cumadi funciona da seguinte forma, a Slam Master (pessoa que dirige o evento) grita “Rimo resistência, rimo pela arte: o que vai rolar agora?” e o público responde “Rima das cumadi”.

O Slam das Cumadi tem sua formação toda feminina, desde a organização até as pessoas que podem recitar, em média, o Slam tem no mínimo nove poetisas declamando poesias e duas mulheres organizando o evento nos dias em que ele acontece. Os homens podem participar da plateia e de outros momentos como rodas de conversa. Na segunda edição do Slam das Cumadi ocorreu uma roda de conversa sobre feminismo negro, as pessoas presentes puderam falar suas indignações, preconceitos vividos e presenciados, dos tratamentos diferentes em hospitais, nos suportes clínicos e na universidade.

Dito isto, das motivações que pesaram na realização desse trabalho, o fato de ser mulher, pobre, moradora de zona rural, pais com ensino fundamental incompleto e irmã de mulheres. Isso me fez conhecer caminhos socialmente ditos ser meu lugar, restringido minha existência social a um processo de subordinação patriarcal e sexista. Podemos afirmar que estudar as desigualdades de gênero, classe e raça trás compreensão na forma como a sociedade se organiza, discutindo sobre as estruturas sociais e desconstruindo preconceitos. Escrever e debater sobre gênero pode funcionar como um estimulador de mudanças, garantindo assim, uma sociedade mais igualitária no futuro.

Em termos metodológicos, adotou-se uma abordagem qualitativa com etapas previamente definidas que incluem o levantamento bibliográfico, conversas com as “cumadi”, entrevistas gravadas com dispositivos de imagens, no caso câmera filmadora e fotográfica, bem como gravadores de áudio, a fim de auxiliar na produção de informações para análise e aproximação dos indivíduos e lugar, além do texto escrito, sendo assim, concordo com Vailati, et al. (2016) ao falar que “A produção e a publicação de imagens e de texto

constituem-se, então, como uma plataforma privilegiada para analisar espaços sociais heterogêneos, onde a interpretação das práticas sociais, ambientais e econômicas é resultado da interação entre pesquisadores e sujeitos de pesquisa” (VAILATI, Alex. et al, 2016, p.16). A ferramenta audiovisual auxilia na pesquisa, tanto para intermediar contatos, como para dar “satisfação” e retorno do trabalho realizado para as interlocutoras, trazendo a ideia de democratização, que se estendendo para além dos muros da academia e do texto escrito.

Para isso, tem sido observado e acompanhado o Slam das Cumadi, ocupações que acontecem majoritariamente na última quinta-feira de cada mês, no anfiteatro da Margem Esquerda do Rio Acaraú, às 19 horas, na cidade de Sobral, localizada no interior do Ceará, na região noroeste do Estado, de forma colaborativa com a participação de poetisas e simpatizantes, em sua maioria, oriundos das periferias da cidade.


Com isso, salienta-se que ao discutir sobre mulheres é necessário perceber as questões de raça e classe, sobretudo no caso do Slam das Cumadi. As reflexões de Djamilla Ribeiro (2017), Angela Davis (2016), Adriana Piscitelli (2008) e Patricia Hill Collins (1990) embasam o estudo, além de outras abordagens que envolvem o gênero.

As juventudes periféricas estão, geralmente, associadas à violência e marginalidade, mas quando se refere a mulheres estão sempre atreladas a cuidados com os filhos e a fragilidade, quando se trata de mulher negra a situação muda ainda mais, estão sempre ligadas a afazeres domésticos. De acordo com Ângela Davis (2016)

Na propaganda vigente, ‘mulher’ se tornou sinônimo de ‘mãe ‘ e ‘dona de casa’, termos que carregavam a marca fatal da inferioridade. Mas, entre as mulheres negras escravas, esse vocabulário não se fazia presente. Os arranjos econômicos da escravidão contradiziam os papéis sexuais hierárquicos incorporados na nova ideologia. Em consequência disso, as relações homem-mulher no interior da comunidade escrava não podiam corresponder aos padrões da ideologia dominante (DAVIS, p. 25).

A mulher negra sempre sofreu com o racismo, sendo definida como alguém que deve apenas servir e cuidar, com suas existências negadas, enquanto a mulher branca luta por vagas de emprego e salários igualitários, a mulher negra luta para sobreviver. Podemos perceber, por meio das poesias declamadas pelas poetisas no Slam que a mulher negra, ainda hoje, sofre com as atrocidades do período colonial/escravocrata que perpassam até aqui.

Em sua composição, o Slam trás diferentes mecanismos de se fazer resistência a diferentes desigualdades sociais, por meio das poesias, encontro de mulheres e ocupação do espaço. Bianca, vulgo Cacheada Santos, trás uma poesia de enfretamento ao machismo sofrido pelas mulheres, cotidianamente, ao declamar os versos, a poetisa clama por respeito e liberdade.



[...] dou a cara a tapa e vou em busca, em busca do que mesmo?
Por muitos sou indagada
Em busca de eu poder usar uma roupa curta, sem ser assediada, desmoralizada, mal falada e merecer ser estuprada.
O sistema me oprime e o machista não me aceita
Mas se tiver nós dois sozinho, tu vem pedir minha buceta [...]
Tu me oprime, substima e depois vem querer me penetrar? [...]
E eu te falo e repito, machistas vão ter que me aturar
[...] Vou te fazer um juramento, eu vou te penetrar sim, mas com argumento
E se teu cerebro ingenuo te ajudasse a evoluir
Tu nunca mais ia falar a frase ‘mulher é para isso ai’,
Se liga meu parceiro eu vou te dar uma colher
Mulher existe, resiste e faz o que ela quiser,
[...] então reveja, reveja os seus conceitos,
Sou negra feminista e não vai ser qualquer sujeito que vai me desanimar, me fazer parar de lutar e de cabeça erguida, eu não paro de te penetrar”.
(POESIA DE CACHEADA SANTOS, SLAM DAS CUMADI, 2019).

As poetisas versam sobre diferentes temas, a cada poesia, uma denúncia, um grito de socorro e lutas diversas que em um dado momento se interrelacionam e se encontram no mesmo lugar e individuo. Laize, Slam Master do Slam das Cumadi, declama uma poesia de fortalecimento das minorias sociais a lutar, por meio da revolução, pelos direitos que lhes são negados.

[...] não, não, não,
cês tão tudo errado!!!
se enganam ao pensar que
vamo aguentar tudo isso calado!
nós tamo indo pra luta
com sangue no zói,
armado até os dente,
cheio de rima no pente
dando tiro de ideologia
estourando essa tua cabeça vazia...
a gente sabe que tu teme a nós
que estamos às margens, meu irmão,
porque tu sabe que é de lá
que vai ver explodir nossa revolução!
(POESIA DE LAYZE MARTINS, SLAM DAS CUMADI, 2019).

Desse modo, notou-se que ao debruçar-se sobre a arte como resistência e suas pluralidades, o Slam das Cumadi surge como reflexo de suas diversidades, o qual tem sido caracterizado pelas participantes como uma mobilização independente, de identidades diversas, mostrando o talento que existe e resiste no ser mulher, pobre, preta e periférica. É possível perceber a evolução que o movimento teve, no sentido do público frequentante, das intervenções nas escolas, universidades, rodas de conversas, mas também no total de mulheres alcançadas e inseridas no Slam como poetisas nos últimos meses. O Slam das Cumadi é o primeiro Slam de mulheres do Ceará, carregando a inquietação marcada pela vontade de denunciar as desconformidades sociais que existem nas periferias e no fato de ser mulher e

mulher negra, buscando uma identidade coletiva dentro desses espaços por meio de manifestações públicas de ideias, onde se encontram diferentes questões nos discursos poéticos, tais como negritude, violência, pobreza, nordeste. Desse modo, concordo com Piscitelli (2008) quando fala das interseccionalidades, como “[...] formas de capturar as consequências da interação entre duas ou mais formas de subordinação: sexismo, racismo e patriarcalismo [...] a ideia de que uma mulher negra é duplamente oprimida, à opressão por ser mulher deve ser adicionada a opressão por ser negra” (PISCITELLI, 2008, p. 267).

Todos os mecanismos que compõe o Slam, desde as pessoas, plateia, lugar, espaço e as formas de articulação se voltam para o reconhecimento das mulheres como sujeitos existentes e de voz. O Slam por si só já é um forte “desacato” ao que se pensa de poesia, e quando se fala em um espaço feito por e para mulheres declamarem poesias é lidar com uma potente atividade de resistência que vai contra o poder dos que dominam. No instante em que declamam poesias, as mulheres têm os olhares e atenção do público demarcando seu lugar de fala e espaço na sociedade. O público do Slam é formado por jovens, majoritariamente das periferias, os meninos que participam das batalhas de MC’s, movimentos sociais do bairro que vem para apoiar esse movimento de/e para mulheres, a presença dessas pessoas, assim como de todas as outras é importante para o fortalecimento da arte e resistência feminina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas conclusões preliminares, podemos entender que não existe uma única modalidade de feminismo, mas sim, os feminismos, ele é plural, pois, são vivências desconformes e são tratadas de formas diferentes pela sociedade, as trajetórias são múltiplas, a condição mulher é heterogênea. O feminismo Ocidental não abarca os diferentes marcadores sociais de desigualdades, é preciso acrescentar e visibilizar a voz das mulheres negras que por muito tempo foram desconsideradas, agindo como seres legitimadores de um movimento feminista branco, sem se sentir pertencentes nas diferentes desigualdades de raça e classe que perpassam. É notório que de acordo com o sexo/gênero ser jovem, mulher, negra e da periferia significa ter tratamentos diferentes pela sociedade.

O Slam é uma forma de comunicação da voz das mulheres para o restante da sociedade, a maior parte das poetisas são mulheres negras e moradoras de periferias, por isso ele, além de uma batalha de palavras faladas, é um momento de escuta, fala, apoio, empoderamento, empatia, sororidade, aprendizagem e transformação. A poesia feminina marginal periférica funciona como processo mobilizador de práticas culturais coletivas e apropriação do espaço urbano por mulheres como forma de resistência e lugar de fala.

REFERÊNCIAS

_____. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. In: **Sociedade e Cultura**, v. 11, n. 2, jul./dez. 2008.

Collins, Patricia Hill. (1990), **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Trad. Natália Luchini. Seminário "Teoria Feminista", Cebrap, 2013. [Em inglês, Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment. Nova York/Londres, Routledge, 1990.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

PISCITELLI, Adriana G. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, Heloísa Buarque de; SZWAKO, José Eduardo (Org.). **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 112 páginas, 2017. (Coleção: Feminismos Plurais).

VAILATI, A., GODIO, M., RIAL, C. (Eds.). O documentário social. In.: **Antropologia Visual na Prática**. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2016.